



Gênero da Bola: Futebol e Poder no Brasil e na Argentina

Mariane da Silva Pisani 

Professora e Antropóloga na Universidade Federal do Piauí. Vice-Coordenadora do INCT Estudos do Futebol Brasileiro.

Email: marianepisani@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa como as relações de poder no futebol são moldadas por gênero e sexualidade e como essa construção impacta a modalidade no Brasil e na Argentina. A pesquisa baseia-se em uma revisão teórica e em dados etnográficos coletados em dois momentos distintos: entre 2013 e 2018, no Brasil, e entre 2024 e 2025, na Argentina, com destaque para o coletivo La NuestraFútbol Feminista. Os resultados indicam que o futebol de mulheres foi historicamente marcado por exclusões e disputas, revelando profundas intersecções entre gênero, sexualidade e poder. O conceito de gênero da bola (PISANI, 2018) demonstra como a heteronormatividade estrutura as relações no futebol, regulando quem pode jogar e sob quais condições. O artigo conclui que o futebol feminista emerge como uma estratégia de resistência e transformação social, reconfigurando as dinâmicas do esporte e ampliando a luta por reconhecimento, equidade e visibilidade no campo futebolístico.

Palavras-chave: Gênero da Bola; Estudos de Gênero; Futebol Feminista; Futebol Feminino; Futebol de Mulheres.



Gender of the Ball: Football and Power in Brazil and Argentina

Abstract

This article analyzes how power relations in football are shaped by gender and sexuality and how this construction impacts the sport in Brazil and Argentina. The research is based on a theoretical review and ethnographic data collected in two distinct periods: between 2013 and 2018 in Brazil and between 2024 and 2025 in Argentina, with a focus on the La Nuestra Fútbol Feminista collective. The results indicate that women's football has historically been marked by exclusions and disputes, revealing deep intersections between gender, sexuality, and power. The concept of Gender of the Ball (PISANI, 2018) demonstrates how heteronormativity structures relationships in football, regulating who can play and under what conditions. The article concludes that feminist football emerges as a strategy of resistance and social transformation, reconfiguring the dynamics of the sport and expanding the struggle for recognition, equity, and visibility in the football field.

Keywords: The Ball Gender; Gender Studies; Feminist Football; Women's Football.

Financiada pelo CNPq e INCT Estudos do Futebol Brasileiro a partir da bolsa de pesquisa Pós-Doutorado no Exterior, nº 200767/2024-0.

Introdução

O futebol, enquanto fenômeno sociocultural, ocupa espaço central na construção das identidades nacionais tanto no Brasil quanto no seu vizinho, a Argentina (Guedes, 2010; Alabarces, 2011, 2022; Giglio, Proni, 2020). É a partir da vasta produção acadêmica sobre a temática, facilmente localizada em ambos os países, que é possível afirmar que o futebol transcendeu sua dimensão meramente esportiva e se consolidou como um espaço empírico fundamental para investigação de questões históricas, culturais, sociais e políticas. É preciso pontuar, contudo, que tanto no Brasil quanto na Argentina a produção teórica sobre o assunto futebol se torna mais robusta quando se fala do futebol praticado por homens, ou simplesmente denominado como: futebol. Esse futebol, que pode ser erroneamente pensado como um fenômeno homogêneo, trata-se de um campo social complexo, fragmentado e permeado por diferentes experiências, discursos e disputas.

De um ponto de vista acadêmico, especialmente nos últimos vinte anos, a presença das mulheres na modalidade não passou despercebida para pesquisadoras(es) brasileiras(os) e argentinas(os). Ainda que em menor quantidade - sobretudo se, inadvertidamente, comparado ao que já se produziu sobre o futebol praticado por homens nos dois países - tem se tornando cada vez mais ampla e difusa a produção teórica de trabalhos que trazem as mulheres - sejam elas torcedoras, jogadoras, técnicas, árbitras e/ou dirigentes - para o centro das análises sobre como o futebol está intimamente atravessado na vida delas, seja em uma perspectiva histórica, cultural, social e/ou política (Rial, 2013; Almeida, 2013, 2018; Almeida, Almeida, 2020; Pisani, 2012, 2014, 2018; Alvarez Litke, 2018, 2020a, 2020b; Hijós, 2020; Garton, 2020; Hijós, Cabrera, 2020).

Foi a partir de uma revisão teórica sobre os trabalhos acadêmicos produzidos sobre “futebol feminino”¹, futebol de mulheres e “futebol feminista” - nos contextos Brasil e Argentina -, aliada às observações de campo, etnografia e entrevistas, que constatei que, ainda que de maneira diferentes, a participação das mulheres no futebol, em ambos países, foi historicamente marcada por restrições, exclusões e disputas que desvelam profundas intersecções entre gênero, sexualidade e poder. Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar como gênero, sexualidade, poder são questões relevantes para pensar o futebol e estão intimamente conectados social e politicamente. Assim, elejo como pergunta norteadora a responder como as relações de poder no futebol são moldadas por questões de gênero e sexualidade e de que forma essa construção impacta as dinâmicas do esporte no Brasil e na Argentina?

Este artigo se estrutura a partir dos dados qualitativos obtidos em dois momentos etnográficos distintos entre si, mas interligados a partir da minha trajetória acadêmica e intelectual. Entre os anos de 2013 e 2018, durante meu doutorado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo, realizei trabalho de campo no Brasil, investigando como os marcadores sociais da diferença - descritos a partir das categorias analíticas de gênero, raça, sexualidade e classe - permeavam a prática futebolística de mulheres na cidade de São Paulo, orientando a construção de corpos e tornando possível a criação e manutenção de redes de afetividades distintas (Pisani, 2018).

¹Neste artigo palavras e expressões que são próprias do campo de pesquisa, logo categorias êmicas, serão apresentadas entre aspas.

Esse processo me levou à formulação de um conceito que julgo central resgatar neste artigo: gênero da bola (Pisani, 2018). O gênero da bola ajuda a explicar como a heteronormatividade² (Butler, 2022) estrutura as relações no futebol, determinando não apenas quem pode jogar, mas também sob quais condições e com quais expectativas. O conceito permitiu compreender o futebol de mulheres como um espaço de disputa simbólica, no qual a feminilidade e a masculinidade são constantemente performadas, negociadas, reforçadas ou subvertidas³. Ao expandir essa análise para o contexto argentino, este artigo busca explorar como essas questões se manifestam em diferentes ambientes socioculturais, evidenciando continuidades e rupturas entre os dois países e delineando o papel dos movimentos feministas em transformar o futebol como um espaço de disputas variadas.

O segundo momento etnográfico que originou parte das reflexões aqui contidas teve seu início em abril de 2024 e finalizado em março de 2025, quando me mudei para Buenos Aires, Argentina, para realizar um estágio de Pós-Doutorado na Universidade de Buenos Aires. O campo realizado no período incluiu uma entrevista e quatro meses de observação participante entre jogadoras, treinadoras e ativistas, com destaque para as integrantes *La Nuestra Fútbol Feminista*, um coletivo questionador do modelo tradicional e hegemônico do futebol de homens ao propor novas formas de organização dentro do esporte.

A partir dessas experiências etnográficas, exploro as relações entre futebol, gênero, sexualidade e poder em dois contextos diferentes, evidenciando como as jogadoras resistem e reconfiguram suas práticas diante das barreiras históricas, sociais, culturais e políticas que atravessam a modalidade. Este artigo está estruturado em quatro seções principais. A primeira parte aborda a relação entre futebol, gênero e sexualidade, no Brasil e na Argentina, explorando os processos históricos de exclusão das mulheres e as formas de marginalização e resistência ao longo das décadas. Em seguida, apresento a noção de futebol feminista, trazendo a experiência da *La Nuestra Fútbol Feminista* na Argentina, buscando aproximações com o futebol brasileiro. Por fim, na conclusão, sintetizo as disputas e desafios enfrentados pelas jogadoras e proponho caminhos para futuras investigações.

Do futebol feminino ao futebol de mulheres: histórias, marginalizações e resistências

Revisando alguns artigos acadêmicos, brasileiros e argentinos, que analisam a exclusão histórica das mulheres no futebol, as formas de marginalização institucional e cultural que marcaram a formação da modalidade, bem como as resistências construídas pela atletas ao longo do tempo, é possível compreender como discursos médicos, jurídicos e midiáticos sustentaram a interdição da prática futebolistas para mulheres e como em diferentes momentos as jogadoras brasileiras e argentinas desafiaram essas restrições, reivindicando para si espaço no universo do futebol. Essa

²Segundo a filósofa estadunidense Judith Butler, a heteronormatividade integra uma estrutura de entendimento de gênero que funciona como uma força reguladora, hierárquica e excludente; através dela, as ideias de feminino e masculino, assim como as noções de sexualidade normal, são produzidas e naturalizadas nos discursos e nos cotidianos. Para Butler, “se gênero é uma norma, isso não equivale a um modelo ao qual os indivíduos tentam se aproximar. Ao contrário, é uma forma de poder social que produz o campo inteligível de sujeitos, e um aparato pelo qual o binarismo de gênero é instituído” (Butler, 2014, p.261)

³ Em artigo publicado em 2024, o conceito foi retrabalhado pelas antropólogas brasileiras Carmen Rial e Caroline Soares de Almeida para analisar a interação entre mulheres, futebol e mídia no Brasil desde o início do século XX (Rial, Almeida, 2024)

abordagem permite reconstruir criticamente o percurso do “futebol feminino”, evidenciando alguns dos mecanismos de silenciamento empregados ao longo do tempo e as relações de poder que seguem sendo atualizadas no interior da modalidade.

Antes de proceder ao resgate, ponto que é preciso estarmos atentas para os perigos da história única (Adichie, 2009). Ou seja, o objetivo neste tópico não é reproduzir uma única versão dominante, ou mesmo universal, do que foi e como se desenvolveu a história do futebol feminino no Brasil e na Argentina. O que buscamos é apresentar alguns elementos e passagens que ora aproximam, ora singularizam as experiências vividas em cada país. É evidente que também haverá lacunas no movimento de reconstruir uma história da modalidade, mas como resposta faço o convite para que outras(os) investigadoras(es) conduzam novas pesquisas para preencher esses espaços com novos dados e perspectivas.

Resgatando partes da história do futebol de mulheres no Brasil

No ano de 1941 no Brasil, durante o Estado Novo, foi sancionado o Decreto-Lei nº 3.199 que instituiu em seu Artigo 54:

Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país (Brasil, 1941).

Figuraram entre algumas das modalidades “incompatíveis com a condição da natureza da mulher brasileira” as lutas, o atletismo e o futebol. O Decreto-Lei apresentava uma ideia essencialista de gênero, na qual as diferenças entre homens e mulheres foram concebidas como naturais e biologicamente determinadas. Essa perspectiva biologizante sustentou a exclusão jurídica e institucional das mulheres no futebol brasileiro por quase 40 anos, uma vez que ajudou a reproduzir um modelo de gênero no qual as mulheres foram associadas ao lar, à docilidade, à maternidade e à delicadeza. A antropóloga Carmen Rial vai além, ao discutir como essa proibição também esteve atravessada por inclinações eugenistas:

a proibição da presença de mulheres em times de futebol é um corolário das ideologias eugênicas que pregavam a importância de proteger o corpo das mulheres para que elas pudessem conceber filhos saudáveis e, assim, melhorar a raça branca no Brasil (Rial, 2013, p.118, tradução minha)⁴.

A partir do trabalho da historiadora Giovana Capucim e Silva é possível perceber que a perspectiva biologizante estava atravessada não apenas na legislação, mas também nas narrativas jornalísticas. Ao analisar diversas reportagens veiculadas no jornal Folha de São Paulo, no período de

⁴Original: “En Brasil, laprohibición de la presencia de mujeres en los equipos de fútbol es un corolario de las ideologías eugenésicas que predicaban la importancia de proteger los cuerpos de las mujeres de manera tal que pudieran concebir niños sanos y, por ende, mejorar la raza blanca en Brasil” (Rial, 2013, p.118).

1941 a 1983, Capucim e Silva mostra que a imprensa paulista não apenas reforçava a interdição legal, mas também construía narrativas que ridicularizavam e deslegitimavam a presença das mulheres brasileiras no futebol. Um exemplo disso são manchetes que ironizavam a participação delas nos estádios como torcedoras, sugerindo que sua presença poderia subverter normas de gênero e causar uma “desordem” nos papéis sociais tradicionalmente atribuídos a elas. Em uma das reportagens elencadas e analisadas por Capucim e Silva a preocupação do jornalista, por exemplo, era de que “a moda pegasse” e mais mulheres passassem a agir de maneira considerada inadequada, como uma torcedora que transformou sua bolsa, um “símbolo de feminilidade”, em uma arma contra o juiz da partida (Capucim e Silva, 2015, p.41). Essa torcedora, segundo a matéria de jornal, expressou em campo agressividade, característica interpretada como exclusivamente masculina.

Foi somente em 1979, após a revogação do Decreto-Lei, que campeonatos nacionais começaram a ser organizados e que as brasileiras começaram a ocupar de maneira mais acentuada as arquibancadas e também os gramados. Entre os anos 1980 e 2000 houve um aumento expressivo de reportagens esportivas mencionando a modalidade. À medida em que a presença delas se fazia cada vez mais constante era impregnada por discursos que visavam objetificar e marginalizar a prática futebolística.

Nesse período, pós-revogação do Decreto-Lei, algumas jogadoras – especialmente as mulheres brancas - foram representadas na mídia brasileira a partir de um ideal de feminilidade e sensualidade a ser buscado, valorizado e reafirmado. Capucim e Silva nos mostra que enquanto algumas imagens desqualificavam as jogadoras ao enfatizar sua suposta masculinização, outras exaltavam sua sensualidade, alinhando-se à ideia de uma feminilidade erotizada (Capucim e Silva, 2015). Assim, a cobertura midiática não apenas negava a competência esportiva das mulheres, mas também contribuía para sua objetificação e sexualização, reforçando narrativas que afastavam o futebol da possibilidade de ser um espaço legítimo para elas. É importante dizer que esse *modus operandi*⁵⁶ da mídia esportiva brasileira, em relação às mulheres atletas, perdurou durante todo o tempo da proibição do futebol de mulheres até meados dos anos 2000, especialmente em manchetes e reportagens da Revista Placar (Pisani, 2018). Por outro lado, outras jogadoras – mulheres negras em sua maioria - foram duramente representadas como “perigosas”, “feras”, “sapatões”, “machonas”. Esses e outros adjetivos foram usados de maneira derogativa para questionar e colocar sob suspeita a moral e a sexualidade das mulheres futebolistas que não estivessem dentro dos padrões de gênero e feminilidades hegemonicamente construídas (Pisani, 2021). O que era comum, para mulheres brancas e negras, é que o futebol jogado por elas não era considerado tecnicamente desenvolvido, sendo muitas vezes descrito na imprensa brasileira como um “jogo feio”.

É possível perceber, portanto, que, no contexto futebolístico brasileiro até meados dos anos 2000, os marcadores sociais da diferença – gênero, etnicidade, raça e sexualidade – quando interseccionados, conferiam diferentes significados ao futebol feminino. O primeiro aspecto a ser destacado é que esses marcadores interseccionados subsidiaram a formação de representações hierárquicas que legitimavam a presença de algumas mulheres no futebol, enquanto desqualificavam outras, sustentando desigualdades étnico-raciais dentro e fora dos campos. O segundo ponto é que as narrativas na mídia esportiva brasileira não se davam de maneira homogênea, mas sim marcadas por relações de poder que regulavam quais corpos poderiam ser aceitos e sob quais condições. Por fim, é importante evidenciar que a permissão para a participação das mulheres no futebol brasileiro sempre

⁵⁶Neste artigo palavras e expressões em outras línguas – latim, inglês e espanhol – aparecerão grafadas em itálico e terão sua tradução apresentada em nota de rodapé.

⁵⁷Expressão em latim que significa modo de operar.

esteve condicionada a normas de gênero, sexualidade e raça que restringiam seu reconhecimento e mantinham a modalidade em uma posição de constante vigilância e subalternização. Assim, torna-se importante sublinhar que, por conta dessa construção generificada do futebol no Brasil, a antropóloga brasileira Carmen Rial defende que a própria ideia de um "futebol feminino" pode ser problemática. Uma vez que, ao resgatarmos partes da história do esporte, tomamos consciência de que o termo implica a cristalização de um significado que excluiu, e ainda exclui, identidades de gênero dissidentes e reforça normas de gênero (Rial, 2013). A partir dessa reflexão, Rial sugere o uso da expressão "futebol de mulheres". Esta expressão será empregada neste artigo, daqui para frente, sempre que fizermos referência ao futebol praticado por elas, excetuando-se as referências aos nomes oficiais de competições e campeonatos da modalidade.

Felizmente, a partir dos anos 2010, algumas questões começam a mudar no futebol de mulheres. Podemos destacar uma mudança nas políticas públicas na institucionalização, ainda que lenta, da modalidade. Como exemplo, destacamos dois momentos, o primeiro ocorrido no ano de 2013, quando a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) criou a competição Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, que em 2025 vai para sua 13ª edição. O segundo, ocorrido no ano de 2018, quando a Federação Internacional de Futebol (FIFA) exigiu que clubes, sobretudo aqueles que ocupam ligas de primeira divisão, tenham equipes de futebol de mulheres para disputar torneios internacionais.

Outras mudanças significativas estão nas ações de resistência das jogadoras e ativismo no futebol de mulheres. As jogadoras brasileiras têm se mobilizado, coletiva e individualmente, por melhores condições de trabalho e estrutura nos clubes. Destacamos três passagens de exemplo dessa resistência: a primeira, no ano de 2019, ocorreu durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino, quando a jogadora Marta fez um protesto público ao mostrar uma chuteira preta, sem quaisquer símbolos de patrocinadores. O objetivo foi denunciar a falta de equidade de gênero no tratamento dado por marcas esportivas. A segunda, no ano de 2024, ocorreu ao final da Copa Libertadores da América de Futebol Feminino, quando as jogadoras do Sport Club Corinthians Paulista postaram um vídeo de 30 segundos em suas respectivas redes sociais para denunciar as más condições do campeonato (Pisani, 2024). Uma terceira mudança importante está na forma como a mídia brasileira vem retratando a modalidade, sobretudo a partir do surgimento de periódicos especializados na cobertura do futebol de mulheres, como por exemplo a página Dibradoras, fundada em 2015. O jornalismo feminista adotado pela Dibradoras tem uma postura crítica e engajada, destacando temas como gênero, igualdade e direitos das mulheres nos esportes, além de expor desigualdades e opressões, promovendo uma cobertura do futebol de mulheres mais inclusiva e representativa (Almeida, Pisani, Barreto Januário, 2025).

Resgatando partes da história do futebol de mulheres na Argentina

Antes de apresentar partes da história do futebol de mulheres na Argentina é preciso mencionar que houve um aumento significativo de publicações no país sobre a temática a partir dos anos 2020⁷. Assim, entre 2003 e 2019, um período de dezesseis anos, contabilizamos o total de 10

⁷ Todos os artigos citados aqui foram encontrados no Repositório do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), que está disponível através do link: <https://ri.conicet.gov.ar/discover>. Já o livro escrito pela jornalista Ayelén Pujol - ¡Que Jugadora! Un siglo de fútbol femenino en la Argentina -, não estava listado no repositório do

(dez) artigos; já de 2020 a 2024 encontramos 21 (vinte e um) artigos. O crescimento no número de trabalhos acadêmicos a partir de 2020 não se deve apenas aos movimentos ocorridos no campo do futebol, mas aos avanços do movimento de mulheres e do feminismo, que passaram a tomar o futebol como objeto de disputa. Esse processo impactou igualmente a agenda das Ciências Sociais, na qual temas como gênero, mulheres, poder e feminismo tornaram-se cada vez mais presentes.

No entanto, é possível identificar dois marcos específicos nesse período: o primeiro diz respeito ao estímulo oferecido pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), em 2018, quando lançou uma estratégia global para o desenvolvimento e fortalecimento do futebol de mulheres; o segundo refere-se à declaração do então presidente da Associação de Futebol Argentino (AFA), Claudio “Chiqui” Tapia, que, em 2019, anunciou que os investimentos no futebol de mulheres aumentariam a partir da profissionalização da modalidade. Entre os artigos encontrados, poucos abordaram em detalhe partes da história do futebol de mulheres na Argentina, de modo que esse resgate precisou ser realizado a partir de outras fontes. Apresento, portanto, as informações que foi possível localizar.

No contexto argentino, os primeiros registros de uma partida jogada entre mulheres data do ano de 1913, na cidade de Rosario, quando o clube *Fémina* organizou uma partida entre *Las Rosas* e *Las Celestes* no terreno da Sociedade Rural (Ossola, 2024). As *Celestes* venceram por 3 a 0 e, embora a imprensa tenha registrado o acontecimento, a identidade das jogadoras permanece desconhecida (Ossola, 2024). A periodista Ayelén Pujol, descreve outra partida disputada entre mulheres dez anos mais tarde, em 1923 (PUJOL, 2019). Segundo a periodista Ayelén Pujol, a partida foi noticiada nos principais jornais do país - *La Vanguardia* e *Crítica* - entre um misto de chiste e assombro. O jornal *El Gráfico*, por sua vez, publicava matérias advertindo sobre os perigos do futebol para mulheres. Assim, em nota publicada no ano de 1921 - *Por que las mujeres no deben jugar al fútbol?*³, adverte que a partir da prática futebolística há um risco iminente da perda de atributos femininos (Hijós, 2020). A antropóloga Nemésia Hijós, que analisa a reportagem, afirma:

“de acordo com o título o artigo explica que por natureza as ‘mulheres’ são frágeis demais para participar de um esporte tão ‘bruto’. ‘A mulher não pode participar de um esporte tão ‘bruto’ e, ao praticar esse esporte ‘de macho’, elas correm o risco de ganhar musculatura e se tornarem ‘masculinizadas’, deixando assim de ‘ser mulher’” (Hijós, 2020, s/p, tradução minha).

Essa abordagem jornalística continuaria por quase todo século XX e parte do século XXI. Ainda que nenhuma lei proibitiva à prática futebolística de mulheres tenha sido promulgada na Argentina, as futebolistas do país também foram colocadas à parte do universo do futebol, comumente sendo retratadas pela imprensa hegemônica e pelos órgãos reguladores da modalidade como “frágeis”, “débeis” e “inaptas” para a prática futebolística (Hijós, 2020). Assim como ocorreu no Brasil, é possível perceber que a perspectiva biologizante e normativa também foi empregada. Entretanto é

CONICET, mas era amplamente citado em alguns artigos. Este livro me foi cedido, diretamente pela autora, a quem agradeço imensamente a acolhida e a generosidade.

³ Em tradução livre: Por que as mulheres não devem jogar futebol?

⁴ Original: “De acuerdo con el título- “¿Por qué la mujer no debe practicar el fútbol?”-, el artículo explica que, por naturaleza, “la mujer” es demasiado frágil para participar en un deporte tan “rudo” y que, al jugar este deporte de “machos”, corre el riesgo de ganar musculatura y transformarse en un “marimacho”, dejando así de ‘ser mujer’” (Hijós, 2020, s/p).

preciso destacar que mesmo sendo consideradas frágeis ou inaptas para a modalidade, as mulheres argentinas continuaram a jogar futebol durante todo o século XX.

Desde o momento em que o futebol se torna símbolo nacional na Argentina, em meados dos anos 1930, o futebol de mulheres passou por um longo processo de marginalização, sendo sistematicamente excluído das instituições esportivas formais e as jogadoras, por sua vez, sendo rechaçadas com argumentos morais e biológicos que as acusavam de serem lésbicas, de terem a sexualidade descontrolada, de se tornarem masculinizadas a partir da prática futebolística (Hijós, 2020).

Ainda que com todas as barreiras físicas e simbólicas impostas às futebolistas, é importante destacar que no ano de 1971, durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino - torneio não oficial - realizada no México, a seleção argentina esteve presente. Contudo, sem treinador, sem uniformes e sem chuteiras, tendo que os organizadores mexicanos fornecer chuteiras para as futebolistas argentinas, que só tinham tênis comuns (Hijós, 2020). Durante a partida realizada no dia 21 de agosto, no Estádio Azteca, as jogadoras argentinas venceram a seleção inglesa por 4 x 1 (Pujol, 2019). Em 2019, quase 48 anos depois do feito, o dia supracitado foi instituído, através da Lei 6175 da Legislatura da Cidade de Buenos Aires, como o *Día de Las Futbolistas*¹⁰.

Por esses feitos e resistências, as jogadoras argentinas das décadas de 1960 a 1990, por sua importância na consolidação da modalidade, são frequentemente denominadas como *Las Pioneiras*¹¹. Contudo, essas mulheres pioneiras, ao mesmo tempo em que resistiram jogando futebol, foram retratadas negativamente pela mídia argentina como "machonas" (Hijós, 2020). Assim, mais uma vez se aplicou a estratégia discursiva que tentou invalidar e diminuir a presença das mulheres no futebol com argumentos sexistas e homofóbicos.

A partir dos anos 1990, quando futebol feminino passou a ser oficialmente organizado pela Associação de Futebol Argentino (AFA), Hijós nos mostra como as futebolistas passaram a ser representadas como belas e femininas, verdadeiros *sex symbols*¹² da modalidade. Para a autora, desde os anos 1990 até meados dos anos 2000, a mídia e o *marketing* esportivo contribuíram sistematicamente para reforçar tais imagens - ora jogadora "machona", ora jogadora *sex symbol*, muitas vezes limitando a pluralidade de representações das mulheres no futebol argentino (Hijós, 2020).

Os investigadores Mariana Ibarra, Martin Alvarez Litke e Débora Majul (2023) descrevem como os corpos das futebolistas argentinas são construídos e percebidos socialmente, assim discorrendo sobre como as tensões entre padrões hegemônicos de feminilidade e a diversidade corporal atuam na construção da modalidade. Para os autores, seja em "um estádio da Copa do Mundo, em uma cidade ou em um vilarejo, são as mulheres que colocam seus corpos diante de contextos de desigualdade para representar e possibilitar o futebol para outras mulheres"¹⁴ (Ibarra, Alvarez Litke e Majul, 2023, p. 4). Também agregam a ideia de que

¹⁰Em tradução livre: Dia das Jogadoras de Futebol

¹¹ Em tradução livre: As Pioneiras

¹² Para saber mais, recomendo a leitura do livro "Pioneras: unpase a la história", escrito por Tamara Haber, Julieta Ossés e Mónica Santino, publicado pelo Grupo Editorial Sur, em 2024.

¹³ Pessoas que simbolizem o ideal masculino ou feminino no plano da sensualidade e da sexualidade.

¹⁴No original: "En un estadio mundialista, en un pueblo o en una villa, son mujeres que ponen el cuerpo ante contextos de desigualdad para representar y habilitar la pelota a muchas otras más" (Ibarra, Alvarez Litke e Majul, 2023, p. 4).

jogar futebol como mulher, lésbica ou pessoa transgênera não estabelece uma relação direta com o feminismo, mas foi e ainda é um ato revolucionário. Desorganiza o mundo do futebol como uma arena exclusivamente masculina e rompe a lógica do *aguante*, uma categoria há muito estudada [na literatura argentina] como nativa dos torcedores de futebol masculino, o que confere às práticas violentas um valor positivo e diferenciado para aqueles que as praticam. Ter *aguante* implica ir para a frente, colocar o corpo em risco e exibir as marcas da batalha. Agora, como essa categoria é reconfigurada quando as mulheres e a dissidência sexual entram no futebol? É possível falar de um *aguante* feminista?¹⁵ (Ibarra, Alvarez Litke e Majul, 2023, p. 7, inclusão minha).

A categoria *aguante*, mencionada na citação, faz referência a uma forma de masculinidade que é hegemônica e reprodutora de violências diversas como homofobia, xenofobia e sexismo. A categoria foi amplamente trabalhada pelos pesquisadores Pablo Alabarces e José Garriga Zucal (2008). A partir dessa ideia os autores propõem em contraposição ao *aguante*, a possibilidade de pensar e compreender o futebol feminino/de mulheres a partir da ideia de *poner el cuerpo*¹⁶, que implica demonstrar coragem; aguentar golpes, chutes e contato físico; ocupar gramados em péssimas condições físicas; vestir uniformes inadequados e lidar com falta de assistência médica durante as partidas. Assim, *poner el cuerpo* no futebol de mulheres na Argentina tem significado feminista e simboliza a dimensão corporalizada da resistência e transformação social (Ibarra, Alvarez Litke e Majul, 2023). Segundo os autores, embora haja avanços na inclusão e visibilidade de corpos diversos, persistem desafios institucionais e culturais que limitam a plena participação de jogadoras trans e não binárias no futebol argentino (Ibarra, Alvarez Litke e Majul, 2023). Por fim, concluem que o futebol feminino segue sendo um espaço de disputa simbólica sobre gênero, sexualidade e corpo.

Os antropólogos Nemesia Hijós e Nicolás Cabrera destacam que, apesar das barreiras institucionais e culturais, as mulheres argentinas desenvolveram espaços alternativos de prática e organização futebolística. E foi com o crescimento do Movimento Feminista no país, no final do século XX, que a modalidade foi impulsionada e ganhou maior visibilidade e reconhecimento (Hijós, Cabrera, 2020). Assim, apesar das adversidades enfrentadas pelas futebolistas é importante destacar algumas das mobilizações e das resistências das atletas.

Em 2017, a Seleção de Futebol Feminino da Argentina fez uma greve para denunciar o sexismo estrutural no setor de Futebol Feminino da AFA. A partir da paralisação elas demandaram melhores subsídios de viagem, roupas e calçados apropriados para treinos e jogos, condições adequadas de treinamento, formação adequada para carreira de jogadora.

No ano seguinte, em 2018 no Chile, durante a Copa América Feminina, as mesmas atletas fizeram uma mobilização pública antes da partida para que suas demandas fossem visibilizadas. No mesmo ano, durante o 33º Encontro Nacional de Mulheres na cidade de Trelew, surgiu a *Coordinadora sin Fronteras del Fútbol Feminista*^{17/18}, que atua sistematicamente "na defesa e denúncia

¹⁵No original: "Jugar al fútbol siendo mujer, lesbiana o trans no establece una linealidad con el feminismo, pero fue y sigue siendo un acto revolucionario. Desorganiza al mundofutbolero como arena exclusivamente masculina y resquebraja la lógica del aguante, unacategoría largamente estudiada como nativa de las hinchadas de fútbol masculino, que otorga a las prácticas violentas un valor positivo y de distinción para quienes las ejercen. Tener aguante implicar al frente, bancársela, poner el cuerpo y luego exhibir las marcas de la batalla. Ahora bien, ¿cómo se reconfigura esta categoría cuando las mujeres y disidencias sexuales irrumpen en el fútbol? ¿Es posible hablar de un aguante feminista?" (Ibarra, Alvarez Litke e Majul, 2023, p. 7).

¹⁶Em tradução livre: Colocar o corpo.

¹⁷Em tradução livre: Coordenação Sem Fronteiras de FutebolFeminista.

¹⁸Maioresinformaçõespodem ser acessadas no perfil: <https://www.instagram.com/coorfutem/>

dos obstáculos e problemas que mulheres e pessoas LGBTIQ+ encontram nesse esporte" (Moreira, Gutierrez-Chico, 2023, p. 2). Integra este coletivo o *La Nuestra Fútbol Feminista*, que apresentaremos com mais detalhes na próxima seção.

Talvez o caso mais marcante, entre protestos e reivindicações, seja o da jogadora Macarena Sánchez, que em janeiro de 2019, após ser dispensada pelo UAI Urquiza no meio da temporada, decidiu processar o clube e a AFA para exigir reconhecimento dos seus direitos laborais e também para denunciar a precariedade e o amadorismo que caracterizavam o futebol de mulheres no país. Em 21 de Janeiro de 2019, publicou uma carta em suas redes sociais explicando o caso e afirmando que *él fútbol será feminista, disidente y profesional*¹⁹. A movimentação de Sánchez ganhou destaque internacional e ampliou o debate sobre a equidade de gênero no esporte argentino. Como resultado, em março daquele mesmo ano a AFA anunciou a criação de uma liga profissional de “futebol feminino”. Em abril de 2019, Sánchez assinou um contrato profissional com o Club Atlético San Lorenzo de Almagro, tornando-se a primeira futebolista argentina a obter esse *status* no país.

Algumas reflexões possíveis

Ao resgatarmos partes da história do futebol de mulheres no Brasil e na Argentina é possível revelar um longo processo de exclusão, resistência e disputas simbólicas que marcaram a inserção das jogadoras na modalidade. Ao longo do século XX, tanto a legislação quanto os discursos midiáticos atuaram como dispositivos reguladores de gênero e sexualidade, determinando quais corpos poderiam ocupar o espaço futebolístico e sob quais condições. No Brasil, a interdição legal imposta pelo Decreto-Lei nº 3.199/1941 reforçou concepções biologizantes que negavam às mulheres o direito ao jogo, enquanto na Argentina, a marginalização ocorreu sem um impedimento formal, mas sustentada por narrativas médicas, morais e midiáticas que desqualificavam as futebolistas. É possível afirmar que em nesses países a presença das mulheres no futebol foi questionada. Ora por meio da afirmação de uma suposta natureza feminina que deveria ser preservada e protegida; ora por negação da competência técnica das jogadoras; ora pela exigência de que as futebolistas se adequassem aos padrões de feminilidade que não ameaçassem a hegemonia masculina do esporte.

A partir do conceito gênero da bola (Pisani, 2018) é possível compreender o futebol de mulheres como um dispositivo regulador das noções de gênero e sexualidade. Ou seja, o gênero da bola se manifesta a partir de continuidades e rupturas que transformam o futebol de mulheres em um espaço de disputas variadas. É também a partir do futebol, portanto, que feminilidades e identidades LBGT+ foram configuradas, disputadas, negociadas e, muitas vezes, contestadas.

Apesar das restrições e dos controles enfrentados pelas futebolistas brasileiras e argentinas, elas continuaram jogando e reivindicando seu espaço dentro e fora de campo. Isso fica evidente a partir das ações individuais e coletivas, como as mobilizações da seleção argentina em 2017 e 2018, a luta de Macarena Sánchez pela profissionalização da categoria e os protestos das jogadoras brasileiras contra a precariedade na modalidade. Essas ações demonstram como o futebol de mulheres sempre esteve marcado por formas ativas de resistência.

Contudo, ainda que as transformações ocorridas a partir dos anos 2000 no futebol de mulheres tenham ampliado as oportunidades para as jogadoras, os desafios estruturais permanecem. O avanço

¹⁹Em tradução livre: O futebol será feminista, dissidente e profissional.

da profissionalização, a maior visibilidade midiática e a articulação dos movimentos feministas no futebol são conquistas importantes, mas não garantem, por si só, a superação das desigualdades historicamente construídas. Assim, conhecer criticamente partes da história do futebol de mulheres, na Argentina e no Brasil, é fundamental não apenas para reconhecer as barreiras impostas às jogadoras ao longo do tempo, mas também para reforçar a necessidade de seguir questionando as estruturas de poder que ainda delimitam quem pode jogar e em quais condições.

Futebol feminista e ativismos esportivos: experiências etnográficas com *La Nuestra Fútbol Feminista*

A primeira vez que ouvi falar da *La Nuestra Fútbol Feminista* foi em maio de 2024, quando fazia uma revisão de literatura sobre futebol de mulheres na Argentina; e foi através dos trabalhos do antropólogo Martin Alvarez Litke (2020a, 2020b, 2023). Em seus artigos e tese de doutorado o autor apresentava a ideia de que para as integrantes da *La Nuestra* o futebol é compreendido como um espaço de resistência e empoderamento. Dessa forma, as interlocutoras de Alvarez Litke definiam o futebol praticado na *La Nuestra* como um futebol feminista, *villero*²⁰ e comunitário. O autor também pontuava que as jogadoras enfrentavam desafios estruturais e simbólicos, mas a partir do futebol conseguiam construir significados coletivos de luta e de pertencimento. Para o autor o futebol feminista transcende a prática esportiva, tornando-se um espaço de transformação social e política (Alvarez Litke, 2020a, 2020b, 2023).

O trabalho de Alvarez Litke me chamou atenção pela proximidade – em objeto, temática e argumentação teórica – com a etnografia realizada por mim entre 2013 e 2018, em parceria com as jogadoras e dirigentes da Associação Atlética Pró-Esporte (ASAPE) (Pisani, 2014, 2018). À época, a partir da experiência etnográfica, defendi a ideia de que o futebol de mulheres no Brasil poderia ser pensado como um espaço de agência e empoderamento, onde as jogadoras do ASAPE podiam construir redes de apoio, desafiar normas sociais e afirmar sua presença em um território esportivo historicamente restrito aos homens (Pisani, 2014). A partir de Cornwall (2013), defendi que o agenciamento e o empoderamento estão ligados diretamente à capacidade de fazer escolhas e transformar realidades; assim o futebol de mulheres apresentava-se como um terreno propício para acompanhar essas mudanças. Pude constatar que a prática esportiva das jogadoras do ASAPE não apenas fortalecia sua autoestima e autonomia, mas possibilitava novas formas de sociabilidade na cidade de São Paulo, construindo noções de pertencimento coletivas e promovendo avanços significativos em termos de equidade de gênero (Pisani, 2014, 2018). Entretanto, à época, a ideia de um futebol feminista sequer fora cogitado por mim ou mesmo pelas minhas interlocutoras.

Foi somente no ano de 2021, que pudemos acompanhar algumas problematizações a respeito dos distanciamentos e aproximações entre o movimento feminista brasileiro e o futebol. Rial discutiu que o futebol não esteve presente na agenda feminista brasileira, especialmente após a revogação da sua proibição até meados dos anos 2000. Isso ocorreu devido ao distanciamento social entre as

²⁰ Villero - palavra mantida em espanhol por se tratar de categoria nativa que não encontra correspondência exata em português. Refere-se a um tipo específico de pertencimento territorial e social das *villas* argentinas, sendo, de forma aproximada, similar ao contexto das favelas brasileiras.

feministas - em sua maioria mulheres brancas, intelectualizadas e integrantes das elites econômicas do país - e as jogadoras - mulheres negras, das classes populares e trabalhadoras, lésbicas (Rial, 2021). No entanto, o cenário tem mudado a partir de novas alianças entre feminismo e futebol, principalmente a partir dos novos enfoques dados à modalidade a partir do jornalismo feminista e dos protestos de atletas contra a violência de gênero no esporte (Rial, 2021; Pisani, 2024).

Meu primeiro encontro presencial com as integrantes da *La Nuestra*, aconteceu de maneira remota no dia 23 de agosto de 2024, durante o curso da *Diplomatura en Género y Deporte*²¹, onde acompanhei as aulas lecionadas por Mónica Santino e Juliana Román Lozano. Nestas elas apresentaram o projeto e discutiram as relações entre futebol e feminismo. A *La Nuestra Fútbol Feminista* surgiu no ano de 2006 na Villa 31, bairro de classe popular em Buenos Aires. *La Nuestra* surgiu para atender às demandas dos moradores do bairro e assim proporcionar um espaço de lazer para as meninas e as adolescentes da comunidade. Em 2007, a treinadora Mónica Santino foi convidada a assumir os treinos de maneira definitiva, dando continuidade ao projeto, começando com oito meninas. Os trabalhos eram desenvolvidos na Cancha Güemes, um espaço historicamente ocupado apenas por homens para práticas esportivas e eventos comunitários. Com o passar do tempo, o número de jogadoras aumentou e outras treinadoras, como Juliana Román Lozano, passaram a integrar o projeto. Em 2025 *La Nuestra* completa 18 anos de atividade e neste período já atendeu mais 400 meninas, adolescentes e mulheres residentes da Villa 31. No ano de 2024 o projeto contava com uma equipe técnica de dez treinadoras profissionais responsáveis pelos treinos e pelo acompanhamento coletivo das participantes.

Encontrei-me presencialmente com as integrantes da *La Nuestra* no dia seguinte à aula, 24 de agosto de 2024, para uma atividade alusiva ao *Día de Las Futbolistas*, intitulada *En la cancha embarrada jugamos en manada*²². O encontro foi realizado no Polideportivo Lucía Cullen, localizado no Bairro Padre Carlos Mugica, mais conhecido como Villa 31. Durante todo o dia as jogadoras e equipe técnica integrante da *La Nuestrae* outras jogadoras de equipes parceiras estiveram reunidas a debater temas como agendas políticas e feministas desde a prática do futebol, e claro, jogar bola. O evento contou com a participação de mais de 50 mulheres futebolistas.

²¹ A *Diplomatura en Género Y Deporte* é um curso oferecido pela Universidad de Buenos Aires, coordenado pela Dra. Verónica Moreira, e é considerado interesse esportivo pela Legislatura da Cidade Autônoma de Buenos Aires. Para saber mais, acessar: <https://www.sociales.uba.ar/generoydeporte/>

²² Em tradução livre: No campo enlameado jogamos como umamánada.



Figura 1: Atividades do Día de La Futbolista: Enla cancha embarrada jugamos en manada. Fonte: Mariane da Silva Pisani, agosto de 2024.

Durante o encontro destinou-se um intervalo para discussão coletiva; assim elas debateram questões como: o posicionamento político do futebol feminista no contexto atual da Argentina; reflexões sobre a relação do futebol feminista com clubes e instituições esportivas, questionando até que ponto se deve negociar com essas estruturas ou rompê-las definitivamente e a importância de construir uma agenda coletiva capaz de articular demandas e estratégias feministas, pensando, inclusive, no papel da infância na consolidação do movimento. Houve uma avaliação coletiva sobre estratégias adotadas no passado e a necessidade de elaborar respostas inteligentes e bem coordenadas diante dos desafios enfrentados. Além disso, destacou-se a importância do cuidado coletivo, respeitando os tempos de cada uma e fortalecimento dos laços comuns. A mobilização por meio de campanhas em redes sociais, aliada à consciência política feminista, foi apontada como essencial para a continuidade e fortalecimento do movimento.

A partir desse primeiro contato trocamos números de telefone com Mónica Santino e assim pude visitar a Villa 31 algumas vezes para conhecer o projeto e suas integrantes. Dentre as visitas destaco, especialmente, o dia 16 de novembro de 2024, quando *La Nuestra* completou 17 anos de existência e foi organizada uma atividade de celebração com outras equipes de futebol de mulheres da cidade de Buenos Aires. O dia foi recheado de jogos entre meninas, adolescentes e mulheres; vendas de camisas do projeto, adesivos e *choripan*²³.

²³ Sanduíche típico da Argentina e do Uruguai, feito com pão e linguiça.



Figura 2: La Nuestra Fútbol Feminista, Cancha Güemes, Villa 31, 16 de novembro de 2024. Fonte: Mariane da Silva Pisani, novembro de 2024.

A partir do contato mais frequente com as integrantes foi possível articular uma entrevista com Mónica Santino, realizada em *bodegón*²⁴ no dia 11 de fevereiro de 2025. Também esteve presente na conversa a antropóloga Verónica Moreira. Neste dia foi possível conversar e aprender mais sobre a trajetória futebolística de Mónica, sobre a *La Nuestra*, sobre as aproximações entre feminismo e futebol. Uma das primeiras perguntas foi sobre as aproximações do projeto *La Nuestra Fútbol Feminista* com políticas de equidade de gênero e feminismo e sobre isso ela afirmou:

M.S.: Acho que há algo que acontece nos bairros que tem a ver, em primeiro lugar e com o espaço. As pessoas vivem em locais muito pequenos, muitas vezes em condições de superlotação, com oito ou dez pessoas dividindo um único cômodo. Nessa realidade, os espaços públicos por excelência são os campos de futebol, que permanecem intocados, pois, mesmo diante da necessidade urgente de moradia, ninguém vai construir uma casa no meio de uma cancha. A Villa 31 tem cerca de 10 ou 12 campos de futebol espalhados por sua extensão. Isso mostra a importância do futebol para nós. Portanto, pensar que um fenômeno cultural de tamanha relevância, como é o futebol, exclui mulheres e diversidades LGBT+ é extremamente problemático. Assim, o primeiro grande passo para o empoderamento que demos foi dizer: "Bem, este campo, neste horário, duas vezes por semana, será para as meninas". E assim elas começaram a chegar. Ocupar esse espaço foi algo central para nós. A luta foi direta, seguindo os códigos da Villa 31, e houve um momento em que, ao levantarmos os olhos, percebemos que éramos todas mulheres. Esse foi o marco fundacional do projeto. A partir disso, começamos a refletir sobre os corpos, o direito de jogar e o prazer de se afastar, mesmo que por um tempo, das tarefas de cuidado, dizendo aos companheiros: agora sou eu que vou jogar futebol. Tudo isso, aliado ao exercício que o futebol impõe - de controlar uma bola com os pés enquanto observa o que acontece ao redor - nos ensina muitas lições fundamentais. Com essa visão, seguimos construindo essa ideia de empoderamento e de apropriação do espaço público. E dentro desse processo de mudança, desenvolvemos quatro

²⁴ Estabelecimento gastronômico, estilo restaurante, cujo cardápio é composto de pratos tradicionais da culinária argentina a preços acessíveis.

eixos que sempre explicamos quando levamos nosso trabalho a diferentes espaços: **o território, o corpo, a linguagem e os vínculos**. Assim podemos chutar e afastar a ideia de que as mulheres juntas não conseguem fazer nada, de que somos todas rivais e invejosas. A partir da *La Nuestra* é possível reconstruir um novo vocabulário, no qual possamos recuperar nossa palavra, reivindicar um território que sempre nos foi negado e retomar o direito sobre nossos corpos. (Mónica Santino, entrevista 11 de fevereiro de 2025, grifos meus).

A fala de Mónica Santino evidencia como o futebol, atravessado pelo gênero da bola, logo espaço historicamente masculinizado e excludente, pode se tornar uma ferramenta de empoderamento político e social quando apropriado por mulheres e pessoas LGBTQ+. A luta das meninas, adolescentes e mulheres da Villa 31 pelo direito de jogar futebol enseja um movimento mais amplo que é compartilhado em partes por Brasil e Argentina: ocupar os campos de futebol simboliza a disputa por território, visibilidade e reconhecimento. Ao afirmar que a presença das mulheres nos campos da Villa 31 foi um marco fundacional, Mónica reforça a centralidade do espaço público como um direito basilar, subvertendo o gênero da bola (Pisani, 2018) que sempre restringiu o futebol às masculinidades hegemônicas. Ao subverter essas lógicas é possível viver mudanças no território, no corpo, na linguagem e nos vínculos, assim o futebol de mulheres não é apenas um esporte, mas um campo de disputa simbólica e material. Mónica também reflete sobre os sentidos do futebol feminista e sobre como ele emerge enquanto estratégia de luta, rompendo com a ideia de que as mulheres estão destinadas apenas às tarefas de cuidado e reafirmando o futebol como um direito, uma prática coletiva e um instrumento de transformação social.

M.S.: Há meninas [*que jogaram na La Nuestra*] que começaram a fazer testes em clubes. Há jogadoras entre 20 e 22 anos que já estão em clubes da AFA. Bom, são muitas coisas que não aconteciam há 18 anos. Acredito, com orgulho, que fazemos parte desse impulso. Além disso, tudo o que aconteceu social e politicamente na Argentina com os feminismos foi muito importante. Agora nos atacam de todas as formas, nos tratam como se fôssemos uma seita. Em vez de dizer feminismo, falam em ideologia de gênero. Quando ouço uma companheira dizendo "ideologia de gênero", penso: não! Esse é o discurso da extrema-direita e do fundamentalismo evangélico. Somos feminismo, não somos ideologia de gênero. Chamar de futebol feminista representa toda essa transformação. Não é um capricho, não significa que vamos jogar sem camisa ou que todas vamos usar camisetas verdes²⁵. Nada disso. Trata-se de tomar um direito e torná-lo nosso. Quando falamos de futebol feminista, acho que é exatamente sobre isso.

V.M. e M.P.: Antes o projeto se chamava *La Nuestra Fútbol Feminino*. Quando aconteceu essa mudança de futebol feminino para feminista?

M.S.: Em 2018. Fizemos nossa primeira reunião do ano e dissemos: não podemos mais chamar de futebol feminino, nem de futebol de mulheres. Precisávamos reconhecer todas as outras identidades [*de gênero e LGBTQ+*] e nomear esse processo de transformação vivido pelas meninas do bairro e por todas as pessoas que vêm jogar. Sentimos que essa mudança era uma adequação ao tempo e também uma forma de dar nome ao nosso trabalho e conquistas.

M.P.: Então, te pergunto: o que você acha da ideia de futebol feminista? O que essa ideia representa?

M.S.: Acredito que ela representa um jogo que sempre teve uma identidade masculina muito forte e foi protagonizado por homens. Mas a ideia de que podemos jogá-lo, organizá-lo, dirigi-lo e conduzi-lo é fundamental. Podemos assumir todos os papéis possíveis dentro do futebol:

²⁵Uma alusão aos lenços verdes, símbolo do movimento feminista argentino pela descriminalização do aborto.

a direção técnica, a gestão de um clube, a carreira de jogadora. Mas tudo isso com um olhar e uma construção própria. Mesmo que o caminho nos leve também a fazer do futebol um espetáculo, como acontece com os homens, partimos de outra concepção e construímos a partir de outro lugar.

A partir das intervenções de Mónica é possível compreender que o futebol, historicamente marcado por exclusões de gênero, pode se tornar um espaço de reivindicação e luta política quando apropriado por mulheres e pessoas LGBTQ+. Ao desafiar o gênero da bola (Pisani, 2018), as normas patriarcais e a hegemonia masculina no esporte, movimentos como o *La Nuestra Fútbol Feminista* demonstram que ocupar os campos de futebol não é apenas uma questão esportiva, mas uma ação política de transformação social. A luta pelo reconhecimento das mulheres e pessoas LGBTQ+ no futebol revela disputas e relações que são mais amplas e que representam questões como território, visibilidade e poder. Assim, o futebol não pode mais ser compreendido como uma modalidade dissociada de dinâmicas socioculturais e políticas. Por fim, o futebol feminista surge como uma estratégia de resistência, questionando modelos tradicionais e construindo novas formas de organização, onde o jogo não é apenas competição, mas também um instrumento de emancipação e justiça social.

Considerações finais

Este artigo buscou responder como as relações de poder no futebol são moldadas por questões de gênero e sexualidade e de que forma essa construção impacta as dinâmicas do esporte no Brasil e na Argentina. A partir da revisão bibliográfica realizada por possível perceber que exclusões e hierarquias de gênero e sexualidade marcaram a modalidade. No Brasil, a interdição legal (1941-1979) reforçou uma visão biologizante do gênero, associando o futebol exclusivamente à masculinidade. Já na Argentina, embora não tenha havido uma proibição formal, a marginalização das jogadoras foi sustentada por discursos médicos, morais e midiáticos que as desqualificavam. Foi possível constatar que em ambos os casos, a inserção das mulheres no futebol esteve condicionada à necessidade de adequação a padrões de gênero, especialmente de uma suposta feminilidade, restringindo a legitimidade e a diversidade na modalidade.

Para aprofundar as análises e compreender como o futebol atua como um dispositivo regulador de gênero e sexualidade, o conceito de gênero da bola (Pisani, 2018) foi mobilizado. O gênero da bola evidencia como normas heteronormativas estruturam a prática do futebol, determinando quem pode jogar, sob quais condições e com quais expectativas. No Brasil e na Argentina, as narrativas que sustentaram a exclusão das mulheres no futebol revelam padrões de regulação e vigilância sobre corpos e sexualidades dissidentes. Ainda assim, ao longo das décadas, as jogadoras resistiram a essas imposições, negociando, desafiando e ressignificando suas práticas no futebol.

O artigo também demonstrou como as jogadoras se mobilizaram para disputar seu espaço no futebol a partir de exemplos concretos. No Brasil, os protestos individuais e coletivos de jogadoras contra desigualdades salariais e precarização das competições, a exemplo da jogadora Marta, durante a Copa do Mundo de 2019 e das jogadoras do Corinthians ao final Libertadores de 2024. Já na Argentina destacamos as mobilizações da seleção feminina nos anos de 2017 e de 2018, e mais

especificamente a luta de Macarena Sánchez pela profissionalização do futebol de mulheres no país. Assim foi possível perceber que as ações coletivas e individuais demonstram que o futebol de mulheres sempre foi um espaço de resistência ativa.

A partir da compreensão de que o universo do futebol é permeado por relações de poder, este artigo também respondeu como essas relações nas dinâmicas do futebol de mulheres. Por um lado, temos avanços que são significativos como, por exemplo, a profissionalização da modalidade na Argentina (2019) e maior exigência da FIFA para clubes manterem equipes femininas. Destacamos também a importância e o papel fundamental do jornalismo esportivo feminista - Dibradoras - que realizam uma mudança da narrativa sobre o futebol de mulheres. A partir dos dados apresentados também foi possível vislumbrar a construção de novas alianças entre os movimentos feministas e futebol, rompendo com o histórico distanciamento entre eles. Por outro lado, é preciso salientar que ainda existem desafios que precisam ser superados como, por exemplo, as desigualdades salariais e precarização da infraestrutura que ainda assolam a modalidade. Da mesma forma, é possível destacar que os setores conservadores, dentro e fora do futebol, ainda exercem pressão para o não crescimento da modalidade. E por fim, é preciso apontar que o futebol ainda carece de maior inclusão de corpos dissidentes, caso de jogadoras(as) transgêneras e não binárias(es).

Por último, foi possível compreender como o futebol feminista pode ser compreendido como uma estratégia de transformação social. A partir da etnografia realizada com a *La Nuestra Fútbol Feminista*, apropriação dos campos por mulheres e pessoas LGBTQ+ na Villa 31 reflete disputas mais amplas por território, visibilidade e poder. Assim fica evidente que o futebol pode ser um espaço de reivindicação e luta política. Nesse cenário o futebol feminista surge como uma estratégia de resistência, questionando modelos tradicionais e criando novas formas de organização no esporte. Concluo, portanto, que o futebol feminista pode ser um instrumento de emancipação e justiça social, ressignificando a relação entre gênero, sexualidade e poder dentro da modalidade.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El "aguante": una identidad corporal y popular. In.: *Intersecciones en Antropología*, n. 9, pp. 275-289, 2008.

ALABARCES, Pablo. Vinte anos de ciências sociais e esportes, dez anos depois. *Antropolítica*, Niterói, n. 31, p. 17-30, 2011.

ALABARCES, Pablo. História mínima do futebol na América Latina. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

ALMEIDA, Caroline S. Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

ALMEIDA, Caroline S. Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis 2018.

ALMEIDA, Caroline Soares; ALMEIDA, Thais Rodrigues. “Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias?”: histórias do futebol de mulheres no Brasil. In: *Revista Eletrônica de Ciências Sociais - CSOnline*. 31, p. 168-191, 2020.

ALMEIDA, Caroline Soares; PISANI, Mariane da Silva; BARRETO JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino. Cultura do Estupro no universo do futebol: uma análise a partir do caso Daniel Alves. (no prelo). 2025.

ALVAREZ LITKE, Martin. Marcando la cancha: una aproximación al fútbolfemenino desde lascienciasociales. In: *Cuestiones de Sociología*, n.º. 18, p. 01-09, 2018.

ALVAREZ LITKE, Martin. ¿Fútbol femenino o feminista? Disputas de sentido en torno al género y el deporte en Argentina. In.: *Kula - Antropología y Ciencias Sociales*, N.º 22, pp. 09 - 26, 2020a.

ALVAREZ LITKE, Martin. “Me paro en la cancha como en la vida”: un análisis del fútbol feminista en la Villa 31 desde las teorías de género. In.: *Zona Franca - Revista del Centro de estudios Interdisciplinario sobre las Mujeres, y de la Maestría poder y sociedad desde la problemática de Género*. N.º28, pp. 79-104, 2020b.

ALVAREZ LITKE, Martin. En la cancha como en la vida: Fútbol, género y feminismo en la Villa 31. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidad de Buenos Aires, 2023.

BRASIL. Decreto-Lei n.º 3199, de 14 de abril de 1941. : Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país... Rio de Janeiro, 16 abr. 1941. Seção 1, p. 7453.

BUTLER, Judith. *Desfazendo Gênero*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. In: *Cadernos Pagu*, n.º 42, p. 249-274, 2014.

- CAPUCIM E SILVA, Giovana. Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, 2015.
- CORNWALL, Andrea. Apresentação: trilhas do empoderamento de mulheres. In: Revista Feminismos. Vol. 1, N. 2. 2013.
- GARTON, Gabriela. La profesionalización del fútbol femenino argentino: entre la resistencia y la manutención del orden. In.: Revista Ensamblés. Año 7, N° 12, pp. 72-86, 2020.
- GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weissaupt . O futebol nas Ciências Humanas no Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.
- GUEDES, Simone. Esporte, Lazer e Sociabilidade. In: MARTINS, Carlos Bene-dito; DUARTE, Luiz Fernando Dias (Orgs.). Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Antropologia. São Paulo: ANPOCS, 2010.
- HIJÓS, Maria Nemésia. Todos los cuerpos, una misma cancha: Gambeteando la hegemonía masculina desde un fútbol femenino y disidente. In.: Bordes - Revista de Política, Derecho y Sociedad. pp. 241-249, 2020.
- HIJÓS, Maria Nemésia; CABRERA, Nicolás. Historia mínima del fútbol argentino: Hacia un montaje de la década del veinte. In.: Bordes - Revista de Política, Derecho y Sociedad. pp. 25 - 32, 2020.
- IBARRA, Mariana; LITKE, Martín Álvarez; MAJUL, Débora; FERRARIO, Julieta. Mundial Femenino de Fútbol 2023: Ir al frente, poner el cuerpo, tener aguante. In.: Revista Anfibia. p. 01-19, 2023.
- MOREIRA, Maria Verónica Elizabeth, GUTIÉRREZ-CHICO Fernando. Más que un “piquito”: una lucha transnacional. In.: Sociología del Deporte. v. 4, n.2, pp. 01-03, 2023
- OSSOLA, Bianca. Fútbol Para Tódes: Diseño de un portal web dedicado a informar sobre fútbol femenino. Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicación Social da Universidad Nacional de Rosario. 2024.
- PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. Ponto Urbe, 14, p. 1-11, 2014.
- PISANI, Mariane da Silva. Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100982> . Acesso em 24 de fevereiro de 2025.
- PISANI, Mariane da Silva. "Sou feita de chuva, sol e barro": o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-11102018-110139/pt-br.php> . Acesso em 24 de fevereiro de 2025.
- PISANI, Mariane da Silva. A negra no futebol brasileiro. CAMARGO, Wagner Xavier; PISANI, Mariane da Silva; ROJO, Luiz Fernando (Orgs). Vinte anos de diálogos: os esportes na Antropologia Brasileira. Brasília: ABA Publicações; Curitiba: BrazilPublishing, 2021.

PISANI, Mariane. Campeãs e ativistas: jogadoras do Corinthians confrontam Conmebol. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.32, 2024.

PUJOL, Ayelén. Que jugadora: unsiglo de fútbolfemeninoenla Argentina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ariel, 2019.

RIAL, Carmen. El invisible (y victorioso) fútbolpracticado por mujeresen Brasil. In: Nueva Sociedad, nº 248, p. 114-126, 2013.

RIAL, Carmen. #Déjala trabajar: elfútbol y el feminismo en Brasil. In: Thomas Fischer; Romy Kólher; Stefan Reith. (Org.). Fútbol y Sociedad en América Latina. 1ed.Frankfurt: editorial Vervuert. v. 1, p. 241-256, 2021.

RIAL, Carmen; ALMEIDA, Caroline Soares. O “gênero da bola”: Mulheres e futebol na mídia. In: Revista ALCEU, nº24, vol. 52, p. 84-119, 2024.